

Uma estação archeologica em Mirandella

O Castello Velho—S. Martinho de Cima—O Mourel

A começar no vertice do angulo formado pelo rio Tua e ribeira de Carvalhaes, sua affluente, e entre as margens esquerdas d'estas duas linhas de agua, estende-se, contornando as encostas de uma suave collina, a villa de Mirandella: linda pela sua posição topographica, e rica pela natureza do solo do seu termo. Do seu passado militar divisa-se apenas hoje um pequeno arco da sua cintura exterior de muralhas, que seguindo o sopé da collina a envolvia como primeira linha defensiva. No cume, dominando toda a obra militar, e como centro d'ella e ultimo elemento de resistencia, erguia-se a torre de menagem, cujos muros com o andar do tempo foram aproveitados pelos Marqueses de Tavora para a construcção de um grandioso edificio denominado o Paço, cuja frontaria, majestosa pelo delineamento architectonico, mostra haver sido destinada para habitação realenga, imprimindo ao panorama da villa um cunho de grandeza e de poderio. Sofreu este Paço as crueis calamidades historicas, que aniquilaram quasi por completo a familia a que pertenceu, e cuja nobre linhagem vinha já dos primeiros tempos da nossa nacionalidade, que lhe deve mui altos e valerosos feitos, praticados em varias eras, nas empresas em que melhor gloria lhe adveio. As chammas do incendio puderam reduzir a cinzas quasi toda a obra de arte, mas o que não puderam destruir nem apagar foi a memoria dos que a promoveram e delinearão, porque está ligada á vida nacional nos dias da sua maior grandeza da epopeia e da tragedia. As aves noctivagas, que durante largos annos o habitaram, eram como que os manes da escura noite da sua adversidade, que com o piar nocturno, lembravam ao viandante que ali fôra um nobre solar, consumido por odiento fogo numa hora de horror, mas cujos alicerces, cimentados pelas heroicas raças trasmontanas, haviam de persistir e resistir aos temporaes da historia, por elle ser um monumento que lembrava tradições guerreiras e as grandezas do seu passado.

Não são porém estas considerações as que me levaram a escrever estas linhas, porque o meu fim é chamar a attenção dos que se dedicam ao estudo do passado para uma, a meu ver, interessantissima estação archeologica que se encontra a distancia d'esta villa, não superior a 2 kilometros, a nascente, que designam por «Castello Velho». É um alto, de 500 metros proximo de comprimento, na direcção este-oeste de declives bastante asperos em todas as direcções, avultando de onde em onde afloramentos de rochas de natureza basaltica, que

formam quasi toda a sua linha de cumeada, que corre em crescente inclinação para este, onde termina em fôrma arredondada com maior agglomeração de rochas. Limita-o, pelo norte, uma ribeirinha

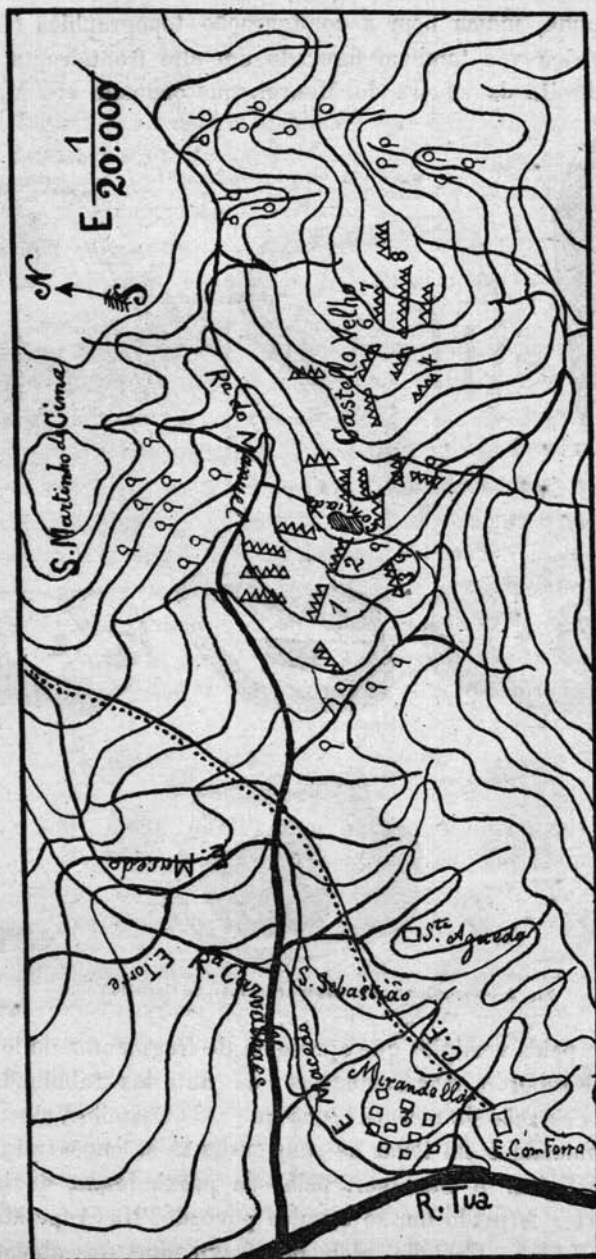


Fig. 1 — Castelo Velho e S. Martinho

denominada «do Mourel», e pelo sul e poente uma ravina que fórma um estreito valle, que deita as aguas na margem esquerda d'essa ribeira. Pelo poente depressões de terreno e cortaduras naturaes lhe limitam os contornos. O esbôço que d'elle tirei, com maior precisão que pude, indica bem a configuração topographica (fig. 1). No mesmo esbôço vae tambem figurado um alto fronteiro, a norte, da margem direita da ribeira do Mourel, que chamam «S. Martinho de

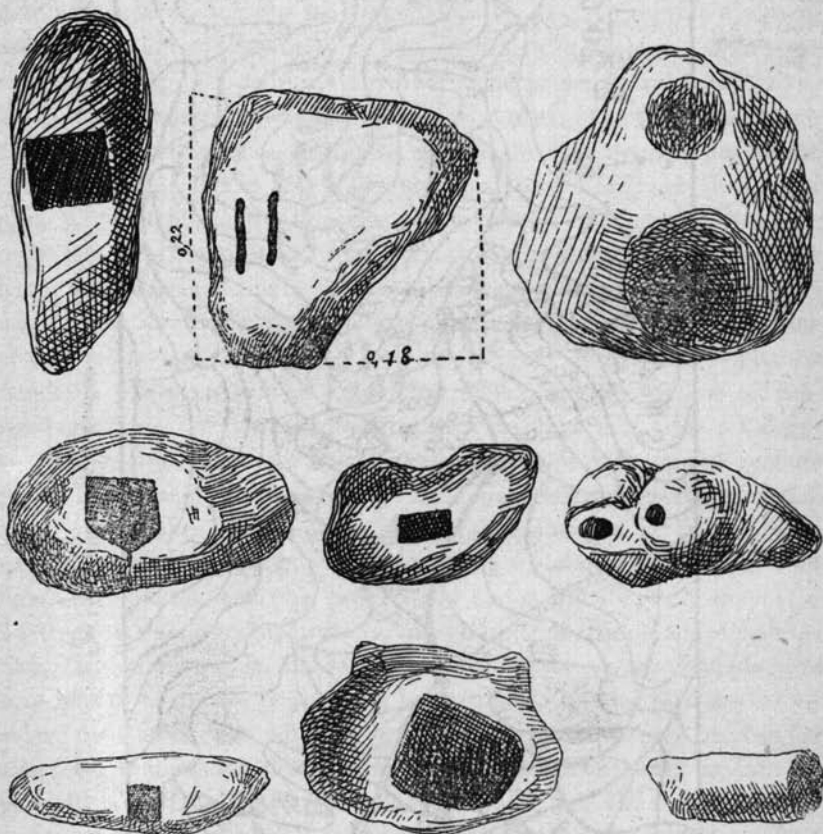


Fig. 2—Rochedos com cavados artificiaes, no Castello Velho

Cima», que pelos vestigios que apresenta de fragmentos de louça, tijolos, telha de rebordo, mós manuaes e de cantarias trabalhadas, deixa ver ser uma estação da mesma epoca que a do Castello Velho, em cuja linha de cumeeada e em todas as suas encostas se encontram tambem aquelles vestigios. A meu ver, pela sua proximidade, deviam estes dois locais ter formado um só e unico povoado. Nas repetidas investigações que fiz no Castello, alem dos fragmentos dos objectos men-

cionados, pude encontrar um peso de barro e um pedaço de uma lapide de granito fino com um desenho.

Mas o que me chamou mais a attenção e que foi assunto especial do meu estudo, despertando toda a minha curiosidade, foi o encontro de indícios de pequenas e rudimentares habitações, quer em fôrma circular, quer rectangular, de amplitude não superior a 7 passos em qualquer direcção, junto dos rochedos. Nalguns d'estes encontram-se perfeitamente distinctos uns cavados artificiaes que formam pequenos tanques ou pias, buracos e sulcos para escoamento de liquidos, conforme as figuras que tirei (2 e 3), que representam os mesmos cavados com

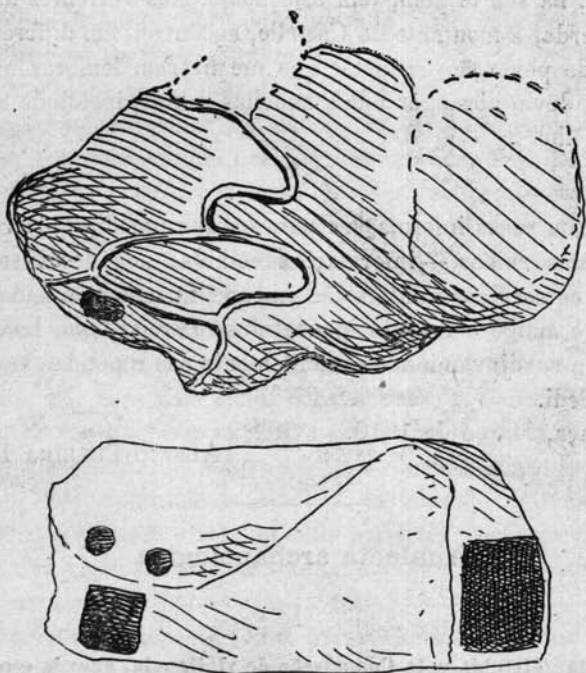


Fig. 3 — Rochedos com cavados artificiaes, no Castello Velho

a maior fidelidade que pude. Não vi sinaes de sepulturas nas rochas, mas, fóra estes vestigios, no mais, esta estação archaica é em tudo semelhante ás do Castro de S. Brás na Torre de D. Chama e do de Valle de Telhas, no mesmo concelho de Mirandella, que são tidas por estações luso-romanas que deviam ser comprehendidas na área do territorio de Panoias, cujos restos existentes proximo de Villa Real tem aparentemente muitas parecenas. No Castello Velho, cortando a crista quasi a meio do seu comprimento, vê-se uma especie de fosso, que devia contornar a parte mais elevada, e difficulta o accesso. Nem a lenda aureo-

lou com as suas fantasias poeticas estas ruinas, nem as tradições populares a ella se referem, glorificando-as ou divinizando, como costuma, com o apparecimento de alguma divindade, o espirito dos que nellas viveram. Não são as virgens, nem as mouras encantadas que ali apparecem, é apenas um grande thesouro que ali está enterrado, dizem. E na verdade o está, thesouro da vida de um povo que ali estacionou, enterrado no esquecimento do passado, que, ao descobrirem-se, muito enriqueceria o saber humano, illuminando o viver do homem nestes sitios numa das suas phases mais distinctas.

A ribeira do Mourel nasce perto, a 3 kilometros, proximo de um ponto que, na sua origem, tem este nome. Nas vertentes da sua margem esquerda, a montante do Castello, encontrei, em differentes sitios, vestigios de povoação extincta, que me fizeram lembrar que o nome de Mourel devia abranger todas aquellas ruinas, incluindo as do nosso Castello Velho.

*

Ahi ficam essas informações para os que um dia quiserem melhor estudar estas ruinas,—informações colhidas nos descansos que me deixavam os serviços militares, e em que fui acompanhado pelo meu camarada e amigo o tenente Manoel José Pereira, que bons serviços me prestou, coadjuvando-me pacientemente nas repetidas investigações a que procedi.

Bragança, Março de 1910.

ALBINO PEREIRA LOPO.

Analecta archaeologica

I

Carta-circular dirigida pela Comissão de vigilancia, guarda e conservação do Castello da Feira aos habitantes do Concelho

Ex.^{mo} Sr.—Em 1838, um energico brado de protesto pela indifference criminosa com que em Portugal se tem presenciado a derruição dos monumentos nacionaes, pelas injurias do tempo, quando não era a vandalica destruição de analfabetos quem os arrasava, Herculano, o grande vultó das letras patrias, tam nobremente consagrado pela recente commemoração do seu centenario, escrevia: «*Vergonha é confessá-lo: os estrangeiros teem mostrado maior veneração pelas antiguidades do nosso país do que os portugueses... Mas estes estrangeiros são homens que sabem qual seja o valor dos monumentos da arte e da*